

LITERATURA E PENSAMENTO NA (RE)ELABORAÇÃO DE UM *ETHOS* AFRICANO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Elter Manuel Carlos
U. de Cabo Verde

Ainda não se aliviou o luto pelo falecimento de Agostinho Neto, ainda se escutam os panegíricos celebrando as suas qualidades de homem de acção. (...) Agostinho era, pela certa, uma dessas personalidades irradiantes que atraem e criam um estado de dinamismo nas pessoas com as quais por acaso entram em relações. (...) Com excepção da política, falámos das possibilidades de criar literaturas nos vários meios africanos, o que cada um de nós tinha feito e esperava fazer. (GONÇALVES, 1998)¹

Introdução

Esta reflexão procura abordar a relação entre literatura e pensamento, com enfoque no contexto africano de língua portuguesa (LP). A partir da compreensão de algumas características transversais a estas literaturas, procura argumentar que um *ethos* africano em LP tem como um dos seus espaços de manifestação a experiência de criação literária, poética e artística. Uma experiência que, em verdade, se explica pelo nexo dialógico existente entre narração, antecipação e projeto. Tal postura, por ser de natureza hermenêutica e crítica, inspira-se na linha conceptual e argumentativa da filosofia

¹ Excerto de um texto elaborado por António Aurélio Gonçalves após a morte de Agostinho Neto, em 1979, recolhido pelo escritor e crítico literário Arnaldo França do espólio do autor. Segundo França, o espólio trazia notas / referências a estudantes africanos contemporâneos de Gonçalves em Lisboa e ligados aos movimentos Pan-africanistas.

hermenêutica (RICŒUR, s/d; 1991 & GADAMER, 1977, HEIDEGGER, 2012). Por isso, no contexto africano de LP, é valorizado o gesto de encontro com a lógica da(s) pergunta(s) que o texto(s) literário(s) e poético(s) levanta(m) no acontecer narrativo da experiência.

A lógica da pergunta lançada desde o íntimo do horizonte do texto, ao querer o seu movimento complementar, o ato da leitura, inaugura (e serenamente funda) um *habitar poético da linguagem* (expressão de HEIDEGGER, 2012). Não se pode olvidar, por isso mesmo, que a conquista da Independência Nacional por parte dos países de LP vigorou através da força da palavra literária que criou condições de possibilidade para que se efetivasse a emancipação cultural e política. Por isso, sublinhar a energia e o entusiasmo que essas literaturas tinham no percurso a seguir à Independência significa clamar por uma educação cultural e estética que estimule o gosto da leitura em contexto formativo e não só.

De facto, do encontro do intérprete com o texto vertem-se os trilhos de uma inevitável continuidade do questionamento histórico a partir do literário e do artístico, mormente dando visibilidade àqueles valores que merecem ser retomados na relação identidade / diferença. E não é menos verdade que tal atitude, nobre quando se materializa na existência concreta, contribui para o *encurtamento da distância cultural* (RICŒUR, s/d; 1991) e educa (convida a educar) para o (no) sentido ético, estético e poético da existência. Neste sentido, a leitura e a escrita, outrossim a própria experiência de conversação dialógica acerca destes mundos criados, em que os prémios Camões são sempre convocados à festa da linguagem, ajuda-nos a comemorar a língua como habitação e a poiesis como permanente tarefa. Convém, todavia, ter em mente o respeito pela pluralidade linguística e pela diferença, autêntica forma de fazer jus às culturas de língua portuguesa como culturas de várias línguas.

Para colocar em evidência esta reflexão daremos voz ao primeiro tópico: “Da emergência das literaturas africanas de LP à (re)elaboração de um modo de pensar enraizado”. Trata-se de um tópico fundamentante, uma vez que aborda a ideia da passagem das literaturas africanas de LP de um estado de mera (e necessária) emergência (referimo-nos ao século do nascimento da imprensa, século XIX, e ainda ao próprio século XX – décadas de 20 e 30) para um modo de enraizamento na concretude existencial onde estas literaturas têm referência.

O segundo tópico analisa reflexivamente o lugar que ocupa a “Cultura como elevação: a educação como caminho”. De facto, a ideia de cultura como elevação espiritual pressupõe uma outra ideia complementar: a ideia de educação como itinerário para essa elevação espiritual, portanto, para uma continuidade / estímulo de um pensar enraizado na cultura e em inevitável devir.

Analisados estes dois tópicos substanciais extrairemos deste constructo crítico-reflexivo, e de forma sumária, algumas reflexões (in)conclusivas, conscientes de que a nossa visão não passa de um mero ensaio preliminar, conquanto estimulante, para estudos desta índole.

1. Da emergência das literaturas africanas de língua portuguesa à (re)elaboração de um modo de pensar enraizado

Se é verdade que a literatura transforma a experiência do quotidiano em algo dizível e comunicável, e que coloca a palavra escrita à disposição dos que saibam ler, não é menos verdade que o esforço de labor artístico do escritor é um profícuo trabalho de linguagem e pensamento. E a filosofia, por sua vez, vai encontrar nessa construção imaginária empreendida pela(s) língua(s) literária(s) um terreno fecundo para o seu labor reflexivo. Na Grécia Antiga, a emergência da filosofia dá-se com a sua rutura com a poesia e o mito. Onde terminam estes (e graças a estes – pois não há uma separação total) emergiu o pensar filosófico, continuando as marcas do mito, da religião e dos fragmentos poéticos dos pré-socráticos a fazer parte do seu universo.

De facto, no contexto africano de LP, revelam-se deveras inspiradoras estas características da filosofia e cultura na Grécia Antiga, sem olvidar as civilizações anteriores à Grécia, inclusive as africanas que, outrossim, foram importantes. Isto se entendermos que, neste contexto cultural africano, a “coisa” poético-literária contribuiu para o desvelamento de uma nova ordem do sentir (e do dizer) em termos estéticos e emancipatórios, o que poderá posicionar-se como matéria-prima conducente à consolidação de um modo de pensar próprio e enraizado nos horizontes históricos. Um modo de pensar que, em verdade, dignifique a forma de sentir, viver e sonhar dos sujeitos e culturas africanos, explorando o campo dos possíveis e novas formas de existência. Aliás, a cultura literária já o faz; porém, ao ambiente das culturas africanas de LP falta a prática de discursos persuasivos hábeis a contraporem

às “teses” do pensamento mediático-burocrático que tem vindo a asfixiar o Ser dos Povos africanos, mormente quando, não raras vezes, se limita a explorar as fragilidades da África com sensacionalismos assoladores.

Retomando a ideia da arte literária como emancipação estética destes povos, é lícito sublinhar que tal emancipação antecede e favorece a própria experiência de emancipação política e social (RANCIÈRE, 2010: 55). De facto, uma experiência que, no contexto e na história, serviu de laboratório de pensamento e ação, utopicamente determinada para a mudança de valores e a instauração de um clima de questionamento sobre o sentido da existência real e concreta destes Povos. Movidos assim por esta nova ordem de valores, uma projeção utópica dos ideais de liberdade e justiça, encontramos escritores, poetas e revistas literárias que se entregaram a estas causas, em suma, àquilo que Mourão (1998: 109, 172), a propósito da força da palavra literária, considera ser o espaço em que “desenha-se o futuro da humanidade”.

De facto, as literaturas africanas de LP elaboraram um trabalho, um convite autêntico à rutura com as formas centradas de dizer, de sentir e de ver do colonizador, contribuindo desta feita para um exercício de descentração crítico-reflexivo, mediante uma *hermenêutica de si mesmo* (RICŒUR, 1990) capaz de escutar os rumores que o mundo-da-vida ia exibindo na teatralização do seu próprio acontecer. Na verdade, a emergência destas literaturas revelou-se como autêntica atitude de entrega ao cultivo de uma nova ética e de uma nova estética, com reflexos no social, no político, no ideológico e no cultural. É por isso que todo esse esforço de percepção sensível das realidades situadas (realidades marcadas por situações-limite e condicionantes da ação), coerentes com a fertilidade de uma imaginação criadora e com a prática de um modo de pensar crítico, esteve a serviço da construção (*Bildung*: formação cultural e estética) de um espírito nacionalista. De facto, tal espírito era uma urgência do tempo e da circunstância vividas.

Manuel Ferreira, um eminente estudioso das literaturas africanas de LP que, entretantes, vivera algum tempo em Cabo Verde e se revelou como profundo conhecedor da literatura cabo-verdiana e das literaturas africanas em LP, acerca da ideia de que o colonialismo “é a negação da personalidade do Outro. Em todos os aspectos” (s/d: 31), sublinha em *Percurso Africano I* que, no processo de tomada de consciência por parte do africano:

Há um momento em que essa consciência começa por ser nítida, pelo menos em alguns poetas, depois nos prosadores, e vai entretanto influenciar outros e, em determinada altura, estão criadas as condições precisas para uma deliberada mudança no acto da escrita. Essa influência exercida entre os intelectuais tende à organização de grupos, por vezes relativamente pequenos, que terminam por se associar em volta de Revistas ou suplementos literários. Então outros grupos ou extratos sociais vão ser sensibilizados para o facto, criando ou fortalecendo um puzzle que oscila, mas tende sempre a desenvolver-se e a alcançar maior coesão. Neste caso a tendência é para a inserção da literatura na prática política, exercendo-se mútua influência (FERREIRA, s/d: 31).

A colocação de Ferreira apresenta alguns traços do processo de formação da consciência e sentimento nacionais no árduo processo do seu fazer socio-histórico e cultural, outrossim, permite-nos interpretar nas entrelinhas que, a conceptualmente designada *arte pela arte* não faria sentido num espaço onde se procurava instalar um novo pensar e sentir para que, em complementaridade, melhor se pudesse agir e melhor se voltasse a pensar, assim como um dia pronunciou Amílcar Cabral em toda a sua inspiração iluminista: um “*ousar a pensar por si próprio*”. De facto, entre o artístico, o político-ideológico e o social houve um equilíbrio e uma complementaridade. E é curioso perceber que os textos do período nascente dessas literaturas, mesmo que imbuídos de tal dimensão social e política salientes, conseguem, ainda assim, revelar-se como obras de arte literária de alto valor estético, permanecendo visível a irrecusabilidade da função estética e da ornamentação da linguagem no fazer artístico.

Ora, no respeitante a essa qualidade interventiva da arte literária, Ferreira (s/d) sublinha o facto de que, ainda muito cedo, em pleno século XIX, a língua portuguesa da ficção ou da poesia começa por ser enriquecida por matices linguísticos nacionais, um processo lento que, cada vez mais, vai ganhando terreno e vem acompanhado de revistas literárias e culturais. E o “discurso literário, poético ou ficcional vai ao lastro linguístico da comunidade, rica em elementos linguísticos diglóticos, buscar formas de expressão nacionais (e nacionalistas)” (FERREIRA, s/d). Isto porque, diz-nos ainda o autor, a partir do momento em que se decide a independência nacional,

A língua portuguesa aplicada nos textos literários africanos sofre perturbações enriquecedoras com a injeção das mais diversas contribuições linguísticas oriundas das línguas africanas ou da criatividade popular. O texto, a partir de certo momento, é um festival expressivo, colorido e vivificado (...). O escritor africano se libertou da dependência literária colonial, construindo a sua individualidade, dando largas ao desenvolvimento da sua integral personalidade (FERREIRA, s/d: 35).

Ora, as citações acima traduzem esta (pre)ocupação do escritor africano em efetuar um trabalho de (re)encontro com o si mesmo, um gesto de fratura com as estruturas normativas do Outro, uma ousada celebração dos caminhos interpretativos da sua identidade cultural. Ferreira (1986: 13), agora em *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa I*, é da opinião que o primeiro livro impresso na África lusófona foi *Espontaneidades da Minha Alma* (1849), da autoria do angolano José da Silva Ferreira [quatro anos após a instalação do prelo em Angola], embora não se trate do mais antigo livro escrito por um autor africano. Isto porque, segundo Ferreira, o poemeto da cabo-verdiana Gertrudes Pusich, *Elegia à memória das infelizes vítimas assassinadas por Francisco de Mattos Lobo, na noute de 25 de Junho de 1844*, publicado em Lisboa no mesmo ano, é anterior ao texto de José da Silva Ferreira. Faz menção também Ferreira ao livro *Tratado breve dos reinos (ou rios) da Guiné*, escrito pelo cabo-verdiano André Alves de Almada em 1594. E defende ainda que literatura colonial não é o mesmo que literatura africana de “expressão portuguesa”, na medida em que a literatura colonial veicula o universo poético e narrativo do homem europeu e não do africano, acrescentando ainda a ideia de que em Cabo Verde não houve propriamente uma literatura colonial (FERREIRA, 1986: 22-24). E di-lo tendo em mente que os primeiros textos desse período do nascimento da imprensa, em que se destaca o exemplo do romance *O escravo* (publicado em 1856) (embora retrate o tempo de 1835), da autoria do português José Evaristo D’Almeida, são textos que engendram do real concreto cabo-verdiano testemunhado pela própria construção dos personagens e dos espaços onde transitam.

De facto, *O escravo* é uma obra que, no cruzamento das dimensões histórica, social, ideológica e cultural (não meramente a literária), dá a ver, numa linguagem romântica característica da época, situações e manifestações da cultura cabo-verdiana que eram silenciadas, sublinhando inclusive as mais antigas e genuínas, como é o caso do batuque (*batuku*), expressão cultural e

estética que envolve em simultâneo música, canto, dança e poesia oral. Portanto, um género musical-coreográfico que foi reprimido (ou meramente tolerado) durante todo o período antes da independência (durante séculos) e que, no século XIX, foi objeto da legislação proibitiva no *Boletim Offiical* (n.º 12, 13 e 14 de 1866) e 32 anos depois (edital de 1898), sem olvidar leis do século XVIII e o controlo no século XX. Tudo isto para dizer que o romance de Evaristo D’Almeida, um texto obrigatório para qualquer estudo sobre o *batuko* e sobre a problemática da escravatura, chama a atenção para os flagelos da falta de liberdade e justiça a que os africanos (neste caso concreto os cabo-verdianos) estavam votados. Escutemos um trecho desta obra:

Os sons poucos harmoniosos de três guitarras – que estavam em completo desacordo entre si – foram serenar aquelas almas, cujas molas – gastas e enfraquecidas pelo hábito de sofrer – não podiam dar impulsos a pensamentos de força, que por isso tinham aí efémera duração.

Forma-se a roda: trinta ou mais bocas femininas se abrem e dão liberdade às vozes que elas possuem de uma extensão a causar inveja ao mais abalizado barítono; – mas a música! A música era infernal! Sem cadência, sem harmonia e sem gosto, julgareis ter na frente a cópia viva do quadro de Hoghar “O músico desesperado” (...) (ALMEIDA, 2017).

Ainda no contexto da emergência do literário em Cabo Verde não podemos olvidar o esforço essencial da geração de Eugénio Tavares (1867-1930), Pedro Monteiro Cardoso (1890-1942), José Lopes (1872-1962), entre outros tantos anónimos que fizeram dos problemas da terra a sua matéria de criação literária, antecipando, em muitas dimensões, aquilo que viria a ser o futuro movimento e revista *Claridade* (1936 – data do nascimento), fundada por Baltasar Lopes da Silva, Manuel Lopes, Jorge Barbosa, Jaime de Figueiredo, João Lopes..., e de outras revistas que sucederam a *Claridade* e lutaram pela independência através da força da palavra literária que eleva e dignifica a condição política, social e cultural do homem cabo-verdiano. De facto, a literatura, um ato de cultura da palavra, preparou os caminhos da liberdade dos povos africanos de LP, bem testemunhada na voz do nosso poeta homenageado, Agostinho Neto (1980: 255), no poema “O izar da bandeira”, concluída no tom seguinte:

(...) Os braços dos homens
a coragem dos soldados
os suspiros dos poetas

tudo todos tentaram erguer bem alto
acima da lembrança dos Heróis
Ngola Kiluanji
Rainha Ginga
todos tentaram erguer bem alto
a bandeira da independência.

Assim, defendemos que um pensamento africano em LP deve inspirar-se no constructo da imaginação elaborado pelo literário e pelo poético, próximo da ideia de Segato (2017), quando assevera que “ninguém cria conceitos abstractos do nada, primeiro se tem uma experiência real, que é apreendida através da língua literária e, só depois, trabalhada filosoficamente”. Ou da ideia de Mourão (1998: 274), quando subscreve que “a poesia quer chegar ao ser, e não, antes de mais, enriquecer o dizer. A poesia não diz, ela é simplesmente aquilo que fará com que as palavras, desconceptualizadas, poderão deixar ver”. Percebe-se assim que, no que tange à contemporaneidade literária africana de LP, estimular a criação literária e poética, por intermédio de prémios, menções honrosas, estímulo à leitura e a tertúlias literárias, significa, igualmente, criar condições para a continuidade de um legado ao mesmo tempo que se dá espaço a novas temáticas que retratam questionamentos hodiernos, condição indispensável para a instalação de um modo de pensar (filosófico) situado. Concreto! E daí a ideia de (re)elaboração de um pensamento situado. Encarnado no próprio existir linguisticamente mediado.

2. Da cultura como elevação: a educação como caminho

O próprio percurso e efeito histórico-hermenêutico das literaturas africanas de LP responde por si que as obras dos escritores, poetas ou pensadores que elaboraram o trabalho da linguagem com vista à construção antropológica do homem africano merecem ser lidas e dadas a conhecer no contexto educativo. Uma educação hermenêutica do simbólico e do literário, assim como nos desafia Paul Ricœur em toda a sua hermenêutica, revela-se como trabalho de desvelamento, um esforço que orienta as novas gerações, as que virão só depois, mas também as gerações vindouras, a um clima onde a verdadeira educação se manifeste como uma forma de instalação hermenêutica num mundo mediado cultural e linguisticamente. Educação, língua(s) e cultura manifestam-se, assim, na sua indissociável condição, e as novas gerações, uma vez introduzidas no acontecer linguístico das obras que as precederam, sentir-se-ão orgulhosos da sua identidade e disponibilizar-se-ão, de

forma ontologicamente segura de si, para o diálogo inter(trans)(cultural), necessário para o nosso tempo.

Vimos já que os países africanos, referindo-nos aqui aos lusófonos em particular, são infelizmente “vistos”, em muitas circunstâncias, mediante uma linguagem redutora, subsidiária de um “certo” pensamento mediático instrumental, o que, em verdade, mascara estes países, culturalmente ricos como são, de uma invasão sensacionalista, em vez de se promover uma *ética do cuidado*. Ora, este gesto do cuidado de si, tomando o termo de empréstimo a Michel Foucault, há de robustecer-se através de uma educação estético-sentimental e cultural capaz de devolver ao povo africano conhecimento acerca da sua identidade, mas de uma identidade plural. Sempre plural, assim como é a África de LP.

É nesta medida que entra o contributo da educação como formação daquilo a que o hermeneuta Gadamer (1977) apelida de *senso comunis*, a saber, a formação de um *sentir comunitário* (ethos) que, no contexto do pensamento em LP, se traduz num *pathos* de ligação, num reconhecimento do Mesmo no Outro e do Outro no Mesmo, uma verdadeira educação como modo de vida pessoal e culturalmente vivida. Uma verdadeira *Paideia* de língua portuguesa (lembramos António Quadros, Agostinho da Silva, etc.) construída e celebrada narrativamente, na unidade e na diversidade, tanto na educação formal como na informal. E sem nenhuma tentativa de lançar cânones obrigatórios de leitura, não é menos verdade que um programa educativo que estimule o cultivo e a leitura de textos de “grandes” autores de língua portuguesa, de todos os espaços desse mundo linguístico e afetivo que nos une como humanos, significa lançar sementes para o germinar de um conhecimento de nós mesmos, em termos singulares, mas de uma tradição educativa, na sua aceção geral.

Pois bem, a “educação não pode tudo, mas alguma coisa pode” – diz-nos o educador e filósofo da educação lusófono que muito se preocupou com a formação do humano em toda a lusofonia e no mundo: Paulo Freire. E é com este enunciado, uma máxima, que terminamos estes tópicos e lançamos algumas notas (in)conclusivas, que passaremos a, sumariamente, apresentar.

Notas (in) conclusivas

Da reflexão empreendida extraíram-se as ideias seguintes:

1. No espaço lusófono africano, a literatura engendrou lições a nível estético, ético, social e político, atestadas pelos próprios efeitos de sentido que emanaram (ou emanam) destas literaturas no contexto da configuração narrativa da identidade dos respetivos povos e comunidades.

2. Esta experiência literária funcionou como experiência de formação da consciência história (sentimento de pertença), estética (nova ordem do sentir conquistada pela palavra que eleva e dignifica) e linguística (reconhecimento do valor da língua portuguesa), outrossim, experiência da identidade e da alteridade (relação entre o mesmo e o outro), da multiplicidade e da diferença (experiência que se baseia numa razão partilhada); experiência da singularidade (identidade cultural / narrativa).

3. Essa experiência, na sua complexidade de abordagens e na sua atestação exemplar, merece ser dada a conhecer e a comunicar, a pensar e a sentir às gerações presentes e futuras como um paradigma de pensamento (re)inovador e prospetivo, não para ser seguido, mas para encontrar a origem dos seus questionamentos intrínsecos e posicionar-se nos caminhos daquilo que merece ser retomado.

4. Assim, os prémios de literatura de língua portuguesa, em que o prémio Camões se manifesta como o de maior envergadura, traduzem um forte significado histórico, linguístico, ético, estético, inter-transcultural, funcionando como autêntico símbolo comemorativo: a comemoração de um modo de pensar em língua portuguesa; a celebração da ideia ricœuriana de que quem tem uma língua tem um mundo e tem um outro: tem uma alteridade. A celebração de um pensar sensível que merece, além da inevitável e necessária comemoração, um polo complementar: o próprio sentido que comporta a leitura literária (articulada com a educação estética e literária) com o sentido hermenêutico do simbólico que, não devendo ser tão-somente subsidiária da educação formal, merece abrir-se à educação não formal, sob pena de não se poder resistir a certas atitudes incrédulas.

5. Um pensamento africano de LP há de emergir (está a emergir) da própria imaginação simbólica condensada pelo literário e pelo poético, sendo que a literatura nos fornece imagens da realidade e a filosofia carece desta construção imagética para a sua própria emergência.

Bibliografia

- (1986). *Clareza, Revista de artes e letras*. Linda-a-Velha.
- ALMEIDA, J. Evaristo d' (2016). *O escravo*. Praia: Pedro Cardoso Editora.
- FERREIRA, Manuel (1986). *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- FERREIRA, Manuel (s/d). *O discurso no percurso africano I*. Lisboa: Plátano Editora.
- FOUCAULT, Michel (1987). *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes.
- GADAMER, Hans Georg (1977). *Verdad y método. Fundamentos de una Hermenéutica Filosófica*. Salamanca: Ediciones Sígueme.
- GONCALVES, A. Aurélio (1998). *Ensaio e outros escritos*. Organização e apresentação de Arnaldo França. Praia / Mindelo: Centro Cultural Português.
- HEIDEGGER, Martin (2012). *Caminhos da floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- MOURÃO, J. Augusto (1998). *A sedução do real: Literatura e Semiótica*. Lisboa: Vega.
- NATÁRIO, Celeste (2013). "Pensamento, poesia e insularidade". In *Geometria do caos: encontros Sobre Filosofia e Literatura*. Porto: Culturprint.
- NETO, Agostinho (1980). "O izar da bandeira". In ANDRADE, Mário (1980). *Antologia temática de poesia africana*. Vol. 1. Praia: Instituto Caboverdeano do Livro e do Disco.
- RANCIÈRE, Jacques (2010). *O espectador emancipado*. Lisboa: Orfeu Negro.
- RICŒUR, Paul (s/d). *Do texto à acção: ensaios de Hermenêutica II*. Lisboa: Rés Editora.
- RICŒUR, Paul (1991). *Si-Mesmo como um Outro*. Campinas: Papyrus Editora.

